

OLERICULTURA UMA PROPOSTA SUSTENTÁVEL: A PERCEPÇÃO DO AGRICULTOR DE SISTEMAS DE BASE FAMILIAR.

Caroline Dutra Bilhalva¹

Thaís Aldrighi Blank²

Rosa Elane Antória Lucas³

Ubirajara Soares Monteiro⁴

RESUMO

O seguinte trabalho apresenta informações do contexto histórico da evolução da olericultura, logo, um relato de um agricultor de base familiar. A percepção devido à análise de campo também está expressa no mesmo, e para todas as abordagens relacionou-se o referencial teórico. O diálogo com o produtor deixa expressar os saberes inserido no homem do campo e sua relação com a terra ficando, então, evidente que este não pensa somente em tirar proveito da mesma, e tem preocupações com o meio, pois é a terra que garante seu sustento, logo definindo seu modo de vida.

Palavras-chave: Olericultura. Agricultura Familiar. Meio-ambiente. Sustentabilidade.

1 INTRODUÇÃO

Para que se possa entender o que acontece nos dias atuais, é muito importante observar o contexto histórico dos fatos, para tanto no primeiro momento deste trabalho aponta-se elementos sobre o contexto histórico da olericultura⁵, após análises prévias existe a hipótese que esta tem sua história marcada por períodos no qual a mesma não ostentava o valor agregado que possui em dias atuais. Em tempos remotos a alimentação limitava-se as técnicas de conservação, portanto as altas temperaturas se faziam sentir no processo de degradação que ocorria em curto prazo. Segundo Andriolo (2002), “A falta de tecnologia para a conservação das hortaliças foi o principal fator que retardou a evolução desse setor, quando comparado aos cereais”(p.9).

Com a evolução da medicina ocorre uma ascensão da olericultura devido à constatação de suas propriedades como fonte de vitaminas. A descoberta destas e seu papel essencial no metabolismo humano representaram o primeiro passo para o surgimento da horticultura como atividade econômica.

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em Geografia. Instituto de Ciências Humanas/UFPel.
carolinegeoufpel@gmail.com

² Graduanda do curso de Licenciatura em Geografia. Instituto de Ciências Humanas/UFPel.

³ Orientadora. Professora Doutora do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Pelotas

⁴ Graduando do curso de Licenciatura em Geografia. Instituto de Ciências Humanas/UFPel.

⁵ A olericultura é o ramo da agricultura que trata do cultivo das espécies cujas folhas, flores, caules, raízes ou frutos são consumidos *in natura* e sem industrialização (2002, p.8).

A melhoria do modo de vida da população Européia e Norte Americana devido à urbanização criou um mercado consumidor para as hortaliças, outro ponto que confirma esta ascensão do modo de vida foi a maior utilização da energia fóssil para o aquecimento das residências, possibilitando a abstenção de uma dieta tão calórica para enfrentar o inverno rigoroso. No Brasil os pioneiros no cultivo das hortaliças foram os imigrantes de origem não ibérica mais especificamente aqueles vindos do interior do continente Europeu, a cultura desses povos carregava consigo a necessidade do consumo destas plantas, porém a moeda de troca no território Brasileiro ainda eram os grãos e a inserção de hortaliças com este potencial era muito reduzida.

“A evolução da Olericultura, no Brasil, foi retardada por uma matriz econômica e social voltada para a exportação. A agricultura de subsistência oriunda da imigração recente, deu origem a essa atividade em escala doméstica”. (ANDRIOLI, 2002, p.12)

O padrão de vida social, e a visão preconceituosas das pessoas consequência do modo mercantilista, também contribuiu para o atraso do país nesta prática. Para Ribeiro (1995) a cultura mercantilista se refletiu também nos padrões sociais, que viam, no trabalho manual, uma atividade destinada essencialmente aos escravos.

Na metade do século XX o processo de industrialização se institui e fomentou o êxodo rural, como consequência surge a demanda para frutas e hortaliças, então os Japoneses uns dos últimos imigrantes a chegarem ao Brasil não detinham o ideal de Olericultura para escravos, pois estes anteriormente serviram de mão de obra nas lavouras de café em substituição aos mesmos, portanto fora este grupo os primeiros a visar à oportunidade que teriam de mercado. Este grupo dedicou-se então ao cultivo das hortas comerciais diversificadas, como se privilegiavam da procura, e a zona de produção estava inserida nas periferias da cidade, isto fazia com que pudessem tirar o máximo de proveito, pois o próprio produtor comercializava diretamente cortando intermediários que elevam o valor do produto final. Com o crescimento das cidades de forma acelerada e continua as áreas de periferia passaram a ser objeto de disputa territorial então os produtores migraram para regiões mais afastadas do urbano só que, portanto envoltos em uma nova realidade, ou seja, dependentes dos atravessadores. Houve também uma alteração nas hortas sendo estas comerciais especializadas em desempenhar a prática de apenas um plantio em larga escala de volume. Nesta etapa o agricultor já não dispunha de toda parcela dos lucros. Pode-se perceber que o lucro foi sendo cada vez mais limitado aos produtores e com o

desenvolvimento de técnicas agrícolas cada vez mais avançadas, sendo que o mesmo enfrenta hoje a exclusão e opressão de grandes latifúndios que com suas exorbitâncias sufocam o pequeno e agridem o meio ambiente.

A intenção do trabalho é, portanto, conhecer esta situação, através principalmente da narrativa do homem do campo, e ver como a Universidade pode interagir com o mesmo trocando saberes.

2 METODOLOGIA

O trabalho utilizou como base o relato de um agricultor, cujo visitado pelos alunos da UFPEL no ano de dois mil e onze com o objetivo de conhecer sua propriedade e suas experiências após optar por um meio de produção orgânico.

Neste diálogo fora possível perceber as expectativas com relação ao modo de vida rural. Por outro lado, interessa também conhecer as histórias de vida destas pessoas.

A conversa revelou muito, quanto ao modo de vida do homem do campo, suas dificuldades e problemáticas encontradas, não houve nem um roteiro básico. Foi elaborado um diário de campo com aquilo que foi vivenciado e percebido no ambiente, também, por meio de fotos. Após a construção do documento escrito, resolveu-se utilizar o anonimato.

3 DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÃO

A fundamentação para este estudo foi basicamente uma visita realizada a um agricultor na Ilha do dos Marinheiros no município de Rio Grande no estado do Rio Grande do Sul. Esta região situa-se muito próxima da lagoa, porém a renda destas pessoas não provém da pesca e sim do cultivo de hortaliças. A terra nesta ilha agrega para sua população um grande valor, na fala esta relação se manifesta quando o proprietário diz que não se pode pensar somente no hoje em relação o solo. E entende que se este empobrecer o futuro será comprometido, completa ressaltando que a terra deve ser melhorada garantindo tranquilidade aos descendentes.

A terra deixa de ser apenas um espaço de produção e torna-se um lugar onde a família manifesta seus sentimentos de pertencimento, onde mora, vive e trabalha. Por isso a terra é associada a sentimentos como amor e esperança. (DAVID, 2010, p.44)

A maioria dos moradores desta ilha é de origem Japonesa e Portuguesa e conforme a percepção do morador rural visitado, todos acham um desperdício o fato de possuir um pedaço de terra sem plantar e associa este fato a cultura. Em apenas um hectare de terra o produtor que abriu sua propriedade conta com uma grande variedade de hortaliças, algumas pouco conhecidas como a couve Japonesa.

“O maior número de propriedades brasileiras é de agricultores e agricultoras familiares, pois juntos somam 4.367.902 milhões de estabelecimentos rurais, o que representa 84,4% do total de (5.175.489 milhões) de estabelecimentos rurais do Brasil. Embora sejam muitas propriedades, elas ocupam em torno de 30% das terras brasileiras utilizadas na agricultura. Ou seja, poucos com muita terra e muitos com pouca terra! Por isto dizemos que a reforma agrária é necessária no Brasil!” (CASALINHO, Et.al, 2011, p.5)

O interessante desta propriedade é a referência como modelo de produção, ou seja, o proprietário após alguns cursos ofertados pelo Sebrae aderiu a conscientização ambiental através de sistemas agroflorestais e optou por uma nova proposta sem o uso de defensivo, cultivares diferenciados e pretende no futuro utilizar somente adubos orgânicos, mas confessa que ainda não conseguiu em totalidade. Como anteriormente fazia uso de químicas industrializadas para preparar o solo, relatou que existe um tempo para o ambiente se restabelecer. Entende que o fertilizante orgânico ao fermentar e se decompor gera húmus e compostos assimiláveis pelas plantas.



FIGURA 1 - Área da propriedade, canteiros e cortina de bambu: Bilhalva, 2011

Pode-se observar na propriedade canteiros alinhados, com muita diversidade e o agricultor apresentou sua metodologia de trabalho acrescentando que não é vendido é reincorporado no solo então nada se perde. Para evitar a compactação do solo e também como adubo agrega-se a ele matéria orgânica como casca de arroz, palha, compostagem de esterco e quando limpam os canais de retenção de água entre os canteiros colocam todas as algas ali encontradas no solo porque são ricas em nitrogênio, utiliza-se também o esterco da cama de aviário, porém torrado para evitar qualquer contaminação.

“Para produzir tanta coisa boa, com pouco recurso e com pouca terra, os agricultores e as agricultoras precisam ter muitos conhecimentos. Precisam saber como cuidar da terra, das águas e dos bichos. Precisam saber cuidar da semente, a base de toda agricultura; saber a hora certa de plantar e a hora certa de colher; o que vender e o que guardar para o ano todo. É muito conhecimento e muita sabedoria! Mas este conhecimento todo não é valorizado.” (CASALINHO, Et.al, 2011, p.6)

A organização do espaço conforme visualizada se apresenta no formato de sistemas agroflorestais ocorre à presença de uma cortina quebra vento de bambu, árvores nativas e diversas qualidades de cultivares, este sistema acredita na auto-regulação do meio, ou seja, havendo um equilíbrio no ecossistema não ocorrerão perturbações como, por exemplo,

infestações de pragas e solo encontrará o equilíbrio quando será dispensável a utilização de defensivos e adubos industrializados⁶.



FIGURA 2 – Variedade da propriedade: Bilhalva, 2011

Um exemplo prático de repelente natural exemplificado seria a proposta de plantio de alguns chás entre os canteiros, ou até mesmo arruda, o forte odor afastaria algumas espécies de pragas de insetos, mas enquanto o clímax do ambiente não se estabelece, o homem do campo afirma que o maior problema encontrado ainda são as pragas que em alguns casos chegam atingir cem por cento da plantação.

⁶ O pesquisador francês Chaboussou verificou que existe uma relação direta entre a suscetibilidade das plantas ao ataque da pragas e doenças e a utilização dos agrotóxicos. Chaboussou constatou que o uso de tais produtos para combater os organismos vivos prejudiciais às lavouras acabavam prejudicando também as próprias plantas de interesse comercial para o agricultor. Isso porque os agrotóxicos provocam modificações no metabolismo das plantas que acabam ficando com sua seiva cheia de açucares solúveis e aminoácidos livres. Tais substâncias, em excesso, são detectadas pelos sensores bioquímicos dos insetos que atacam preferencialmente essas plantas, já que não têm capacidade de se alimentar de proteínas e outras moléculas mais complexas. Desta forma, o uso de agrotóxicos favorece um desequilíbrio metabólico nas plantas que as tornam mais suscetíveis de serem atacadas por insetos e outros mecanismos prejudiciais. Disponível em: <http://www.planetaorganico.com.br/agrohist3.htm> acesso em 14/11/2011.

Quando a abordagem foi referente à mão de obra, ele deixou claro que o trabalho é árduo, pois a mão de obra é reduzida, os jovens abandonam o campo, e a propriedade concentra-se nas bases familiares sendo ele e a esposa, pois a filha é pequena, neste momento reflete e desabafa tentando prever o futuro lamentando que seja possível que sua filha também opte pela cidade, analisa a composição de remanescentes jovens no campo e chega a concluir que pessoas da idade dele aproximadamente uns quarenta anos já é raridade em ambiente rural. Segundo Casalinho (2010, p.6) a agricultura familiar é responsável por 77% da mão de obra ocupada no campo. Apesar de toda esta importância recebe apenas 25% do financiamento destinado a agricultura.

No campo uma das grandes repercussões do projeto proposto pela idade moderna está atrelada à revolução verde que, nas últimas décadas, promoveu um processo de modernização da agricultura. Seu inicio no Brasil, começou por volta da década de 1960 e “desmantelou” a proposta de autosustentabilidade para a qual os agricultores haviam sido formados (produção para o próprio consumo, trocas ou vendas do excedente, compras de parte dos produtos para a sua sobrevivência). Aderiram, em oposição a sua qualidade de vida, à produção para a venda externa de produtos, o que contribui com que muitos deles fossem expulsos do campo, perdendo suas terras, em função de financiamentos, frustações de safras, entre outros motivos que dependem mais de políticas públicas que da vontade dos agricultores. (MEURER, 2010, p.18)

A distância da área de produção até o local de venda, o mercado da cidade é relevante, às vezes para baratear o custo do transporte vários agricultores se unem abarcando o mesmo frete, referindo-se a este gesto alguns alunos indagam quanto a concorrência e o morador rural retrata que todos vendem, mas alguns procuram por sua banca atrás de produtos orgânicos, uma ênfase na fala foi dada em prol da certificação e ele coloca os empasse de conseguir a mesma (altos encargos), então como solução apostou na certificação solidária, onde um comenta com o outro em forma de corrente e se ocorrer neste percurso alguma dúvida quanto a origem da produção ele afirma que esta aberto a visitações.

No tocante a produção o estimado por ano seria de aproximadamente quarenta toneladas, mas existem muitas variantes como o clima que implicam diretamente nos resultados. Uma consideração que marcou o dia de campo foi quando o referenciado produtor expõe sua expectativa referente ao futuro alertando que com o passar do tempo a humanidade vai possuir dinheiro, mas não vai existir alimentos devido a exploração inadequada da terra. Conforme MEURER, 2010, “*produzir alimentos para o mercado*

externo permite que os agricultores deixem de preocupar-se com os produtos que consomem, e passem a orientar seu trabalho pelos preços pagos para a exploração”(p.19).

Um aluno questiona se como forma de intervenção devem-se convencer outros agricultores a adotar os sistemas agroflorestais, ele responde dizendo que acha pouco provável a aceitação, sendo um alto custo financeiro para muitos, e afirma que está opção parte da compreensão e autoconscientização, acrescenta também que não se faz política agrícola para um governo e sim para no mínimo vinte anos. Para SEIDEL e FOLETO (2010, p.72) tanto a educação ambiental como a educação do campo parecem surgir voltadas para enfrentar problemas criados por uma sociedade essencialmente consumista e urbana, guiadas por um modo de vida ocidental.

A educação no campo é de suma importância para o indivíduo do campo, somente a educação pode fazer com que este sujeito comprehenda o contexto histórico que esta envolvido, desenvolva a percepção do potencial que tem o campo e oportunize alternativas. Para MEURER (2010, p.20) tanto a escola do campo quanto da cidade estão articuladas a esses valores e o campo passou a ser considerado como um lugar atrasado e a cidade um lugar atraente, moderno onde de tudo acontece. Esta ideologia precisa ser desmistificada.

4 CONCLUSÃO

O presente trabalho apresentou uma iniciativa que não é muito comum entre os produtores, a proposta sustentável, que viabilizou uma produção de alimentos saudáveis com menos impactos ao meio. É notório que a busca pela sustentabilidade demanda trabalho e paciência, mas os resultados são promissores.

Em apenas um hectare foi comprovado que é possível produzir conscientemente, obter lucro e não degradar o meio.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRIOLI, J.L. **Olericultura Geral**: Princípios e Técnicas. Santa Maria: Ed. UFSM, 2002.

Arroz irrigado: **recomendações técnicas da pesquisa para o Sul do Brasil**; 28ª Reunião técnica da cultura do arroz irrigado. Porto Alegre: SOSBAI, 2010.

Indicações técnicas para a cultura da soja no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina 2007/2008;
35ª Reunião de pesquisa da Soja da Região Sul. Santa Maria: Orium, 2007.

CHABOUESSOU Disponível em: <<http://www.planetaorganico.com.br/agrothist3.htm>> acesso em 14/11/2011.

MATOS, K.S.A.L. WIZNIEWKY, C.R.F. et al. **Experiências e Diálogos em Educação no campo.** Fortaleza: Edições UFC, 2010.